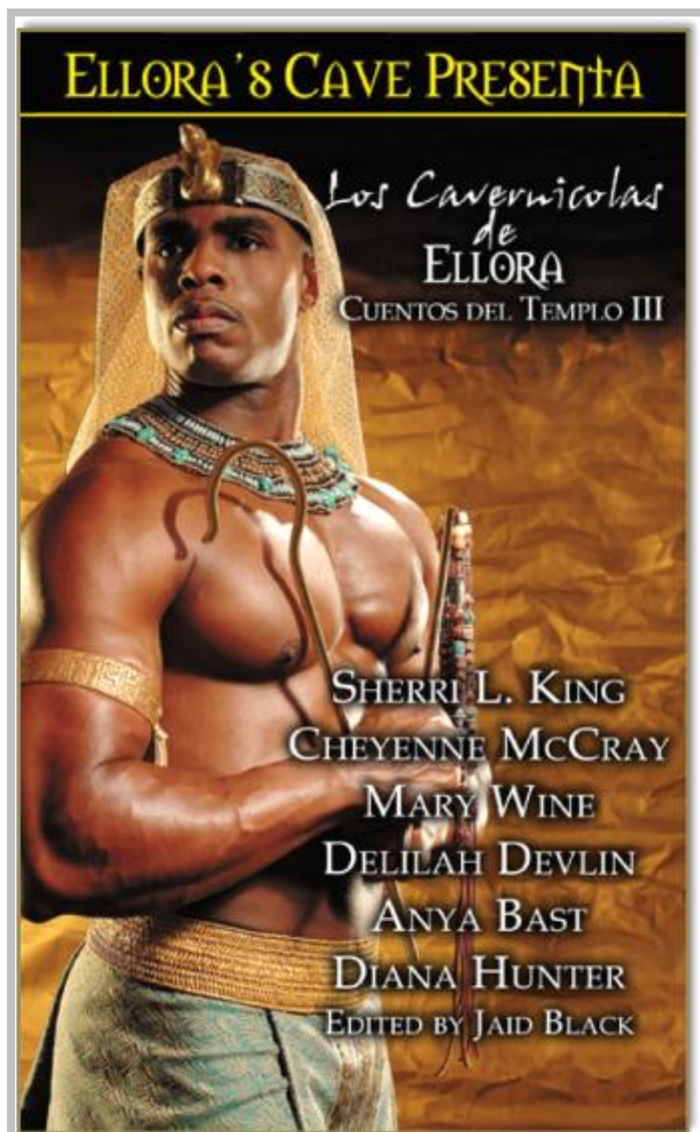


Presa do Raptor

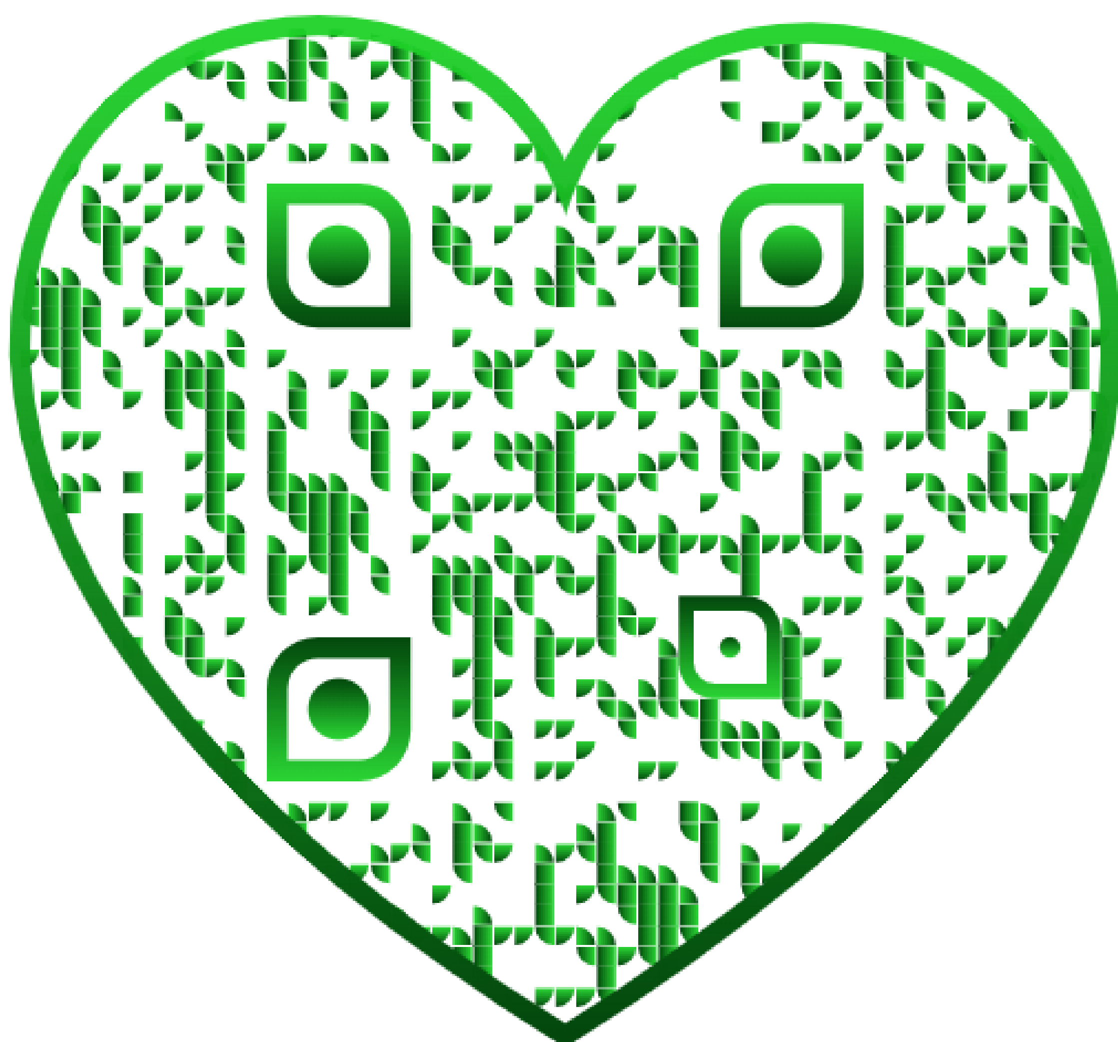
Delilah Devlin

Depois de um longo mês cheio de sonhos com um amante de pele morena em um castelo abaixo da areia, a Capitã Andrômeda O'Keefe desperta na sua câmara de interrupção para descobrir que a sua carga perigosa escapou. Pior, nu e na sua clemência, ela aprende que os seus sonhos sexy, proibidos não foram somente seus.

Khalim Padja do Clã Raptor está há muito tempo em uma cela de prisão. Usando o seu presente de ação de sonho, ele invade os sonhos da capitã para seduzi-la. Mas o tempo está curto para ganhar o seu coração e a sua liberdade.

Disponibilização/Tradução e Revisão: Danyela
Revisão Final: Tessy
Formatação: Danyela
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES





CAPÍTULO 1

Sonhei com ele. Meu guerreiro da escuridão.

Com a força de suas invocações, tirou-me de um sonho muito profundo. Com os dedos dos pés afundando-se em calor, encontrei-me em uma crista de areias movediças… estava vermelha como o planeta Marte e ardente como a ira de seu olhar. E nua. Outra vez.

Os raios de um sol alaranjado caíam sobre minha pele. O vento levantava meu cabelo e fazia que roçasse meus mamilos. Ainda sabendo que estava zangado, meu estômago se esticou e meus seios ficaram tersos pelo desejo. Seu olhar era penetrante, seus olhos dourados percorreram meu corpo e cravaram nele como um coelho entre as garras de seu raptor. E entretanto, desejava enredar os dedos em seu comprido cabelo escuro e aproximar sua boca da minha. Tinha-me ensinado a desejar o sabor de seus lábios.

"Não deveria estar sonhando", disse sem fôlego, espectador pela nova maravilha sensual que exploraríamos.

"Está sonhando?". Sua voz profunda retumbou, mas seus lábios não se moveram. Estava quieto como uma estátua e eu continuava nua. Excitada.

"Devo estar sonhando. Como estou aqui com você se não é um sonho?". Encorajada pela idéia de que em meu sonho era livre de explorar minha fantasia, aproximei-me para tocar seu rosto. Ele nem se moveu enquanto eu roçava sua pele quente pelo sol e acariciava suavemente as maçãs do rosto salientes e o nariz notavelmente marcado. Meus dedos pararam em sua boca e deslizei o polegar sobre seu lábio inferior fazendo pressão. Ele me acariciou o dedo com a ponta da língua e eu suspirei, enquanto imaginava seu calor úmido incitando as pontas endurecidas de meus seios.

Sua expressão não mudou e não afastou seu olhar de meu rosto como se estivesse avaliando minha reação. O brilho calculista de seus olhos marrons me deteve por um momento.

"Se isto for um sonho, por que não me dá o que peço?" perguntou-me. "O que teria de errado?".

Pus as mãos em seus ombros e massageei os músculos, fascinada por sua força. "Se disser isso, não vai voltar a me chamar".

"Pensa que o único que desejo de você é sua contra-senha?". Percorreu-me com o olhar, me queimando em cada lugar no que se detinha: a boca, os seios, o ventre, a união das coxas.

O calor umedeceu minhas vísceras e meus olhos cravaram em sua ereção. "Não, se me entregar te daria poder".

"Eu não abusaria desse poder tanto como abusaria do presente de seu corpo". Uma mão forte levantou meu queixo. Seu olhar firme e hipnótico parecia me aproximar mais e me fez avermelhar pelo calor. "Fiz-te sofrer? Não fiz realidade suas fantasias?"

Ignorei suas perguntas, consciente do rubor que tingia meu rosto e meus seios. Ele tinha me ensinado a encontrar centros de prazer em meu corpo que não sabia que existiam. "Observei-te enquanto dormia em sua

antecâmara de suspensão". Não era fácil reconhecê-lo, ainda sabendo que isto não era real… Que ele não era real. Sem poder enfrentar seu olhar enquanto confessava meu comportamento indiscreto, meus olhos recaíram sobre seus ombros amplos e bronzeados. "Perguntava-me se seu corpo é tão forte como parece". Suave e dubitativamente, deslizei minhas mãos por seu peito quente e com um pouco de pêlo e senti a convulsão de seus músculos. "É só um sonho que seu corpo esteja incrivelmente duro?".

Ele sentiu mudanças. Seu peito subia e descia com maior rapidez. Alegrei-me de que minhas carícias acendessem a ele também.

Medi o largo de suas costas com as mãos e segui para baixo pelos músculos marcados de seus braços. "Você me guiou invocando minha reação cada vez que nos encontramos, mas este é meu sonho e saberia se tudo é tão duro como parece". Notei que suas mãos se cravavam ao lado de seu corpo e sorri. "Minhas carícias o farão perder o controle? Provocou-me, atraiu-me até o limite e me deixou com as vontades. Pode resistir?"

Cobri com as mãos os bordas marcadas que se estendiam por sua cintura tensa e estreita. Segui para baixo, dobrando os dedos para percorrer a flecha de pêlo sedoso que se fazia mais denso para emoldurar sua imensa virilidade.

Enquanto rodeava seu pênis, ele jogou a cabeça para trás e apertou a mandíbula. Aproximei-me mais, sentindo um poder incrível, para pressionar meus seios doloridos contra seu peito e passar a língua por cima de seu ombro. Cheirava a incenso exótico e a almíscar. Movi as mãos para cima e para baixo por seu pênis suave e duro.

De repente, com um movimento que me deixou ofegante, rodeou minha cintura com ambas as mãos e me levantou. Eu estava exultante. Nesse momento me penetraria. Nesse momento conheceria as promessas que insinuava seu corpo, embora só fosse em meus sonhos. Estreitei seus ombros e rodeei sua cintura com minhas pernas e ele me fez baixar, atravessando minha carne úmida.

Gemi e em sua boca se desenhou um pequeno sorriso. Colocou as mãos em minhas nádegas, mas me deixou imóvel, à medida que minha vagina gotejava antecipando-se a um emparelhamento vigoroso.

"Por que não se move?" Meu corpo desejava acabar e apertei os músculos internos a seu redor.

"Sua contra-senha". Apertou os dentes. "Me dê o que quero e terminaremos isto".

O pedido vibrou. Mas estava tão absorta em minha necessidade ardente que ignorei as advertências que ressoavam em minha mente. "Este é meu sonho, minha mente. Ordeno-te que tome".

Ele entrecerrou os olhos e com suas mãos como bandas de aço ancorou a meus quadris. "Sério?" Sua expressão me desafiou a que demonstrasse minha valentia.

Titubeei e senti uma sensação de inquietação que se deslizou por minha coluna até me arrepiar os cabelos da nuca. Khalim Padja do clã Raptor, um guerreiro de Tirrekh e o homem que para dentro de meu corpo, era um assassino e um traidor do Domínio. Mas que mais podia ser? Ele estava fazendo que este sonho acontecesse?

Haviam o trazido a bordo de minha pequena nave de transporte, um carregamento tão precioso e perigoso que o governador da fortaleza distante se negou a retê-lo até que chegasse um transporte militar.

Tinham-me prometido uma fortuna se o entregasse às cortes do Domínio e me assegurava de que sua câmara de suspensão o manteria a salvo.

Antes de dormir em minha própria câmara pelo tempo que duraria a viagem, tinha inspecionado a sua e me assegurei de que os soníferos durassem. Mas não pude resistir inspecionar minuciosamente seu corpo enquanto estava estendido lá dentro.

Eu era uma mulher que tinha passado muitos meses só em uma nave no espaço, com a imaginação como única companhia. E seu corpo era formoso. O que teria de mau olhar e acariciar sua carne imóvel?

E o fiz, apesar de não poder.

Mas este sonho era muito vívido. Inclusive para as fantasias complicadas que às vezes elaborava enquanto estava longe durante os dias e semanas de minhas viagens. Seu cheiro, sua pele quente, suas mãos firmes. Seu pênis que me estirava, dolorosamente.

"Não estou sonhando, ou sim?", perguntei temerosa da resposta e de seu sorriso cúmplice e envergonhado pela reação cremosa de meu corpo. Meus lábios tremeram e seu olhar desceu a minha boca. Fechei os olhos.

"Não, não está sonhando". Sua boca desceu até a minha e me perdi em seu domínio. Seus lábios firmes pressionavam o meu e sua língua se cravou entre eles, roçando meu paladar, deslizando-se por minha língua, me incitando a chupar.

Gemi e meu corpo traidor liberou um banho fresco de excitação líquida.

Ele grunhiu do mais profundo de sua garganta, apertou meu traseiro com as mãos e me levantou e depois me voltou a baixar, me movendo por último de acima a abaixo por sua grossa haste.

Já inconsciente, joguei a cabeça para trás, apertei seus ombros e cravei as unhas na pele enquanto subia ao abismo. "Não pare", roguei. "Por favor, mais forte".

Seu corpo estremeceu entre minhas pernas e seus quadris se uniram a nosso baile, trabalhando em sentido oposto às mãos que dirigiam meus quadris, afastando-se enquanto me levantava, me cravando mais profundo enquanto enterrava minha concha por toda sua longitude. Mais profundo, mais forte, mais rápido… Até que me derrubei. Meu grito comprido e penoso rompeu a calma que nos rodeava.

Quando abri os olhos, tinha a cabeça apoiada em seu ombro, que subia e descia com sua respiração entrecortada. Estava sonolenta, saciada, mas de uma vez menos temerosa e menos segura porque nunca tinha experimentado tal paixão em minha vida. Rocei minha bochecha em sua pele cálida. "Se isto não for um sonho, o que é?".

"Uma posse. É minha".

A irritação esfriou meu corpo. Tirei as pernas de sua cintura e ele me baixou até que afundei na areia. Embora tremiam meus joelhos, fechei os punhos e me afastei dele. "Eu não sou posse de nenhum homem. Esta alucinação termina agora".

"Não pode escolher". Suas palavras, não pronunciadas, ressoavam para mim ao redor e dentro de mim.

Mostrei o dedo. "Você é meu prisioneiro".

Ele cruzou os braços. "Sou?". Uma vez mais, em seus lábios se desenhou um pequeno sorriso zombador.

“Maldição, você e suas perguntas! Não permitirei que mude o rumo desta nave. Nunca te darei minha contra-senha”, gritei, furiosa e assustada. Certamente isto era só um pesadelo. “Me deixe”.

O sol brilhava atrás dele, uma coroa tão brilhante que tive que levantar o braço para cobrir os olhos. Quando os voltei a abrir, foi-se e um falcão posou no meu braço. O pássaro sentou com calma, por isso não me assustei. “Isto é um truque?”, gritei por cima dos infinitos picos vermelhos.

O pássaro se moveu, o que chamou minha atenção. Seus olhos dourados, que não pestanejavam, sustentaram os meus por um comprido tempo.

“Você também é dele?”. Animei-me, levantei a mão e acariciei as plumas marrons e negras da cabeça. “Uma criatura tão imponente. Sabe que é formoso”. Acariciei-o no peito e a ação acalmou meu coração. “Não deveria estar sonhando. Isto é obra dele, não?”

Suas garras me picavam e levantei o braço, esperando que saísse voando para o céu azul. As asas se desdobraram de seu corpo e levantou uma rajada de vento. Bateu as asas, agora me cravando as garras dolorosamente para sustentar-se, e depois voltou a bater as asas, os extremos das asas de cor parda avermelhada se agitaram sobre meus mamilos. A sensação foi efêmera, mas erótica, endureceu as pontas as transformando em casulos, e ofeguei. Andrômeda Ou’Keefe se engasgou. O tubo de oxigênio se separou e estava se afogando.

“Está saindo da suspensão muito rápido” disse uma voz profunda e imaterial que provinha além de sua cápsula cheia de gel.

Abriu os olhos, pestanejando pela luz que brilhava através da escotilha de sua antecâmara, e cruzou com um olhar dourado. Reconheceu-o no ato. Seu prisioneiro tinha escapado!

Lutou contra a necessidade de inalar mais gel de suspensão e procurou a maçaneta da capota dentro de sua antecâmara.

Antes que encontrasse a maçaneta, o painel se desentupiu e o homem de cabelo negro fechou a escotilha e entrou. Uma mão grande de pele rugosa deslizou por seus ombros, outra por suas coxas e a levantou facilmente de seu casulo quente até o ar fresco da ponte de sua nave.

Andrômeda tomou ar e deu uma arcada. O homem ajoelhou para estendê-la no piso. Uma vez que seu peito se acalmou, se deu conta de sua situação. Estava nua, molhada e estendida de costas e tinha seu prisioneiro, Khalim Padja, que também estava nu, de pé sobre ela. Estendeu-lhe a mão, com a palma para cima. Não era um oferecimento de ajuda. Sua expressão implacável ordenou que aceitasse.

Como não tinha outra opção, Andrômeda estendeu a mão e o homem a levantou. Suas pernas ameaçavam dobrar-se pelo desuso depois do sono. Evidentemente ele tinha estado fora por mais tempo porque não parecia sofrer essa fraqueza e rodeou a cintura, aproximando-a dele.

O corpo de Andrômeda, que ainda estava coberto com uma camada fina de gel de suspensão, alinhou-se com seu peito até o quadril. Sua mente reconheceu inquietantemente que seus corpos encaixavam como peças de um quebra-cabeças, igual em seus sonhos. O corpo dela parecia acostumado a seu abraço e tirou o chapéu vergonhosamente excitada. Daria-se conta de quão forte se apertavam seus mamilos contra seu peito? Inclinou a cabeça para trás para ver sua reação.

Um dos músculos da mandíbula do homem se dobrou e incharam os orifícios nasais. O calor de seu escuro olhar a queimava. Tinha a mesma expressão em seus sonhos cada vez que a seduzia. Ai, Deus! Como podia saber como se via quando estava excitado, a não ser que realmente tivessem compartilhado essas experiências? Ela estremeceu, com medo e desejo enfrentados em seu corpo e em sua mente.

A mão do homem se aproximou de seu rosto e ela resistiu.

−Primeiro tomaremos um banho − afastou o cabelo que tinha pego na bochecha − Depois falamos.

Até sua voz profunda e rouca era a mesma. As idéias amontoavam na mente de Andrômeda e seu coração pulsava com força, consciente de que estava a mercê de um assassino. −O compartimento da ducha está em meu quarto − Ela se separou de seu abraço − Mostro-te. Deu a volta e o conduziu por um corredor estreito até o pequeno camarote austero.

Se conseguisse que se metesse na primeiro ducha e que a porta fechasse automaticamente, talvez teria tempo de procurar as armas na gaveta que estava debaixo de sua cama. Não podia pretender dominar um guerreiro sem armamento.

Consciente do corpo alto e musculoso que seguia seus passos, suspirou com alívio quando chegou a seu quarto. Esqueceu-se de quão pequeno era, até que se deu conta de que o homem teria que passar sua cama estreita e o armário para chegar à ducha… E estava bloqueando o passo.

Parou em frente à ducha, pressionou o botão para abrir o compartimento e olhou por sobre seu ombro. − Se entrar…

− Depois de você − disse ele lhe cravando o olhar.

Andrômeda pressionou os lábios com frustração e assentiu, e depois se meteu na ducha, enquanto amaldiçoava em silêncio. Rogou que não farejasse suas coisas e encontrasse seu contrabando de armas enquanto se banhava.

Não teria que haver se preocupado. Sua respiração se entrecortou quando ele a seguiu até dentro do compartimento e a porta se fechou.

CAPÍTULO 2

Khalim desfrutou do desconforto de sua mulher. Com as costas tensas, quase tão rapidamente como o tinham feito os mamilos quando lhe roçaram o peito. O que era mais interessante era que seu traseiro curvilíneo estremeceu quando sua ereção fez pressão contra ela. Ele tinha acondicionado bem o corpo para aceitar a intimidade forçada.

Tocou-lhe o ombro e pressionou o botão para ligar a ducha, uma vez que já se familiarizou com as funções da maioria das comodidades e maquinarias sobre a nave. Os orifícios arrojaram uma suave bruma de água cálida todo a seu redor.

− É realmente necessário? − perguntou, com voz forçada.

− Não posso te agüentar fazenda diabruras. No momento, faremos tudo juntos− Curvou os lábios, quando seu corpo se esticou até mais e deixou cair os ombros com suspiros de irritação.

− A contra-senha. Tem estado atrás disso todo o tempo− Respondeu.

Ele detectou uma ferida subjacente. Talvez uma traição anterior. Mas o deixou passar. − E você − Disse, com a voz entre sedosa e de aço.− Também estive atrás de você. Deu um toque no fornecimento de sabão e a espuma se uniu à água que se disparava de todas as bocas, exceto das que estavam dirigidas para a cabeça de ambos.

Ela grunhiu. − Planejou me seduzir para mudar o rumo da nave, e depois? Vai me matar?

Ela era adoravelmente e insofrivelmente intensa. − Tenho coisas muito mais interessantes planejadas para você− Separou-lhe as pernas e a agarrou pelos quadris, enquanto a empurrava fortemente para sua virilha.

Seu corpo estremeceu, mas não de temor. Seus mamilos se levantaram para encontrar a palma de sua mão e encaixar nela. − Não te darei minha contra-senha.

− Engana-se. Dará-me tudo o que eu quiser. Pôs uma mão no contêiner de xampu, que jogou um jorro de espuma na mão.

Quando o espalhou pela cabeça, ela se afastou, tudo o que pôde no compartimento apertado. − Eu posso fazê-lo sozinha. E mantém suas mãos e suas outras partes perto de você!

Aproximou-a outra vez a seu corpo e continuou lavando seu cabelo. Tomou como uma vitória ao ver que ficou rígida, mas intimamente apertada com seu ventre. − Desfruta mais quando te lavo. Recorda? Ele fechou os olhos e evocou a imagem de sua fortaleza subterrânea em Qihar-Jadiid. Apesar de estar consciente de que suas mãos massageavam a sua cabeça na pequena ducha, ele levou a Andrômeda a grande piscina ovalada de seus quartéis.

Instantaneamente, seu corpo relaxou e ficou facilmente maleável, enquanto permanecia apoiada contra seu peito. Em seu estado de sonho compartilhado, ela sempre estava disposta a aceitar sua primazia. Ele compreendeu que seu subconsciente se negava a acreditar que suas viagens eram reais, por isso ela podia permitir a fantasia.

Reclinaram-se sobre a borda da piscina pouco profunda. Ela estava sentada sobre seu colo, com a cabeça apoiada em um ombro. A luz das velas iluminavam as gotas douradas sobre as paredes de cor rubi de sua morada. Seu corpo brilhava na luz dourada.

Colocou uma mão na piscina e recolheu água para lhe enxaguar o cabelo, enquanto desfrutava da tarefa preguiçosa e admirava o brilho da cor vermelho dourada que estava escondido entre as mechas escuras.

− Lembro-me deste lugar. Estivemos aqui antes, sussurrou ela.

Colocou uma mão sobre seu pequeno seio, agarrou-o e o massageou com suavidade. Deslizou um braço para seu ventre tenso para inundá-la mais no berço de suas coxas, até que o pênis repousou na greta de suas nádegas. − Sim, fiz amor com você no centro da piscina, e depois...

− Fez-me acabar com as mãos, apesar de que te roguei que me desse seu pênis. Sua voz soava um tanto mal-humorada.

Acariciou-lhe a face. Quando deixou cair a cabeça para um lado para expor seu pescoço cremoso, ele estava agradecido de que não guardasse rancor. − Dará-me a contra-senha? Lambeu o lóbulo da orelha e o mordeu.

− Bastardo. Suas palavras não soaram realmente indignadas. O corpo dela estava excitado pela lembrança do sonho compartilhado anterior; seu abdômen tremulo dizia.

– Me diga o que é o que deseja. Cravou os dedos entre as pernas para agitar as dobras que vigiam seu portal feminino. – Darei isso.

– Venha para dentro de mim– Rogou, com a voz fraca de necessidade.

Ele afundou um dedo comprido que sondou a carne quente e agitada da concha. Ela suspirou e separou mais as pernas. Então, pousou a cabeça em ombro. – Não… Não outra vez – Encostou as nádegas no pênis – Quero isto.

Tocou um mamilo e levantou os joelhos, para deixá-lo que pinçasse mais profundamente. – O que é "isto"?

Seu corpo se retorceu contra o dele enquanto acariciava o ventre e a saia – Seu pênis… Por favor.

Ele levantou a saia e a virou, até deixar as costas contra a borda da piscina e os braços estirados contra a beirada. Pôs as mãos debaixo das nádegas, levantou-lhe os quadris fora da água e levou a face entre suas pernas. Lambeu-lhe a concha, alternando entre golpes tão profundos como podia chegar e roçar com a língua sobre o nó duro acima da abertura. Ele saboreou seu calor, sua excitação fragrante e pensou que explodiria de paixão. Seu próprio corpo respondeu ao chamado, as bolas levantaram no saco e o pênis endureceu mais, até ficar como o aço.

– Não…, gemeu, mas levantou os quadris e pressionou sua concha contra sua face.

Ele fechou os lábios sobre o clitóris e a chupou com força, depois o liberou e agitou a língua sobre a pérola torcida. Novamente, chupou o clitóris e ela gritou com entusiasmo, enquanto tremiam as coxas contra suas bochechas. Quando a liberou, acariciou a concha com lambidas longas e suaves. Deixou mais de sua essência salgada na língua e o aroma quente a almíscar encheu as fossas nasais. Uma onda de necessidade selvagem se apoderou dele e seu corpo tremeu de expectativa. Ele grunhiu e levantou a cabeça para olhá-la.

A cabeça de Andrômeda estada distendida, com os olhos bem fechados. Tinha a exuberante boca aberta, e a respiração saía rápida e irregularmente. Os mamilos turgentes estavam tintos e apontavam ao teto, chamavam-no e emitiam uma reclamação que não pôde resistir mais.

Deslizou para cima por seu corpo, tomou os braços de ambos os lados e a olhou na face. Ela abriu os olhos verdes sonhadores e piscou. Ele se inclinou e agarrou a boca sobre um mamilo. Rodeou-o com a língua enquanto que alinhava seus quadris com as dela.

Ela levantou as pernas e rodeou os quadris para que seu pênis empurrasse suavemente os lábios externos inchados da concha.

Flexionou os quadris e deslizou para dentro dela. Ele grunhiu contra seus seios, apertou os dentes contra um mamilo e deu uma pequena mordida.

Ela arqueou as costas, levantou os quadris e o obrigou a introduzir-se mais na vagina.

Tão quente! Tão estreita! Apertou os dentes pela necessidade de retirar-se e procurar sua própria liberação rápida. Os músculos internos dela o acariciavam, faziam esticar seu pênis e o exortavam a penetrá-la mais.

Ele se moveu no berço de suas coxas, deu golpes superficiais e esperou a que ela se impacientasse e demandasse satisfação. A sedução

resultou ser uma batalha de vontades, apesar de que tinha confiança no final. Ela não tinha a experiência para conter seu corpo ou suas emoções.

O que é mais importante, era uma mulher e seu coração seguiria à paixão.

Com o tempo, ela se brindaria por completo e daria sua confiança. Então, ele teria a contra-senha. Ele só esperava que se rendesse a tempo para evitar que os sentinelas do Domínio detectassem a mudança de rumo.

As unhas da Andrômeda se cravaram em seus ombros e as pernas o apertaram. – Por favor, gritou com voz áspera. – Mais forte… mais profundo…

Khalim resistiu o desejo de seu corpo para cumprir com suas ordens. Em troca, incitou-a com um golpe profundo e continuou com golpes mais superficiais… E profundos… E superficiais.

Ela arranhou suas costas com as unhas enquanto tentava arrebatar o controle do ritmo e moveu os quadris para cima e abaixo para obrigá-lo a mover-se mais rápido.

Agarrou-a com mais força pelas nádegas, apertou a pélvis e entrou nela, o mais profundo que pôde, e ficou totalmente imóvel.

Seus olhos se abriram repentinamente. Ele leu uma necessidade dura e desesperada em seu olhar e sua boca tremula.

– Deve confiar em mim– Disse, consciente de que a paixão cada vez maior fazia que a voz ficasse áspera.

– Demônios! A confiança não se ordena – Encheram-lhe os olhos de lágrimas.

Ele lutou contra sua necessidade de acalmá-la, igual resistiu a necessidade de cravar os quadris na concha ardente. Ela devia render-se, pelo bem de ambos. Levou uma mão a seus cachos negros e os penteou com os dedos que flutuavam na água, até que encontrou o botão duro e inchado entre as pernas. Tocou-o com o dedo uma vez.

Sua respiração se acelerou estremeceu por dentro.

Acariciou-a com mais força e sua vagina agarrou seu pênis e a apertou esquisitamente forte.

– Como pode esperar que confie em você… Quando usa meu corpo em meu contrário? Escapou-lhe uma lágrima.

Ele seguiu a umidade que deslizava pela bochecha. Seu peito se ampliou com um suspiro profundo e se inclinou para frente para lamber a lágrima da face. – Andrômeda, foi minha do momento em que me tocou pela primeira vez. Logo, saberá que é verdade – Então, fechou a boca contra a dela em um beijo que a acalmou e a acariciou.

Ela soluçou contra ele e levou as mãos a sua cabeça, puxou seu cabelo e o beijou com mais força.

Khalim retirou lentamente o pênis até que só ficou a cabeça em seu poço quente. Retorceu os quadris, incitou-a e torturou ele mesmo.

Ela rompeu o beijo e o olhou. Khalim sabia que não acreditava o que dizia poderia ler a promessa em seus olhos?

Ele deixou que a onda de prazer passasse e se cravou para dentro dela, direto até o útero, antes de retirar-se e afundar-se novamente. Dar-lhe-ia este prazer… E depois moldaria seu desejo novamente.

Um sentido de urgência se apoderou dele enquanto se afundava em sua vagina. Concentrou-se em sentir seu calor, do canal estreito enquanto

se apertava ao redor de seu pênis e o levava inexoravelmente mais profundo.

As mãos dela deslizaram pelas costas, apertaram-no e acariciaram, e o exortavam a mover-se com mais rapidez.

Moveu os quadris para dentro e fora e fez que a água batesse no corpo e formasse espuma. A fricção esquentou o pênis até que a liberação esticou o corpo, levantou-se sobre seus quadris e endureceu as bolas. Consciente de que estava preparado para acabar, procurou levá-la junto com ele e enterrou os quadris na concha ao final de cada golpe comprido, enquanto acariaciava com o dedo o clitóris.

Andrômeda miou como um gato, com as unhas cravadas na carne de seu traseiro enquanto golpeava seus quadris contra os dele.

Khalim, estimulado pelos movimentos desesperados debaixo dele, deixou que a primeira onda de liberação o banhasse e o levasse ao ponto culminante. Investiu uma, duas vezes e depois, grunhiu. O sêmen disparou e lubrificou os golpes longos e duros. Tremiam-lhe os braços, mas continuou investindo até que Andrômeda ofegou e apertou a concha, os braços e as pernas ao redor de seu corpo.

E investiu e a levou a orgasmo até que deu um grito comprido e forte. Quando, finalmente, ficou esgotada debaixo dele, aproximou-a e fez que apertasse a face contra a curva de seu pescoço. Envolveu-o devagar com os braços ao redor dos ombros.

− Me perdoe. Obriguei-te a ir muito longe − Roçou sua face com o nariz, enquanto que as mãos acariciavam as costas com movimentos ascendentes e descendentes. Este momento posterior era mais doce que qualquer que tenha tido. Ele nunca tinha querido permanecer dentro do corpo de alguém que lhe proporcionasse prazer, depois de conseguir obter satisfação. Mas a doce calidez e o aroma saboroso de Andrômeda o ataram.

− Khalim, disse com a voz áspera, − Não posso te dar o que me pede.

O som de seu nome nos lábios dela encheu a alma com calor. − Por que diz isso? Perguntou suavemente.

Ela o abraçou. − Buscam-o por cometer delitos muito graves contra o Domínio. Realmente prometi te entregar. E seria muito tola se pensasse que é diferente dos que o governador me disse.

Khalim beijou sua testa e a acariciou com o queixo ali. − Se te disser que não cometi nenhum crime e que meu único pecado é minha raça, acreditaria?

−Mas, por que o Domínio faria isso? Ela o acariciou preguiçosamente ao longo dos músculos das costas. − São tolerantes a muitas raças e espécies.

− Meu planeta e minha gente guardam muitos segredos. Alguns no Domínio nos castigariam por não compartilhar esses segredos.

Ela roçou sua boca contra a clavícula. − São tão valiosos?

Com o coração que pulsava por seus beijos ternos, sussurrou,

− Inestimáveis.

Afastou-se e o olhou na face. Sua expressão sombria se via suavizada pelos lábios inchados pelos beijos e as bochechas rosadas. − É esta criação de sonhos parte de seu tesouro?.

− Agora acredite que te trago aqui? Perguntou, enquanto apertava o traseiro e enterrava o pênis que voltava a despertar.

Ela abriu os lábios com um grito afogado, mas assentiu com a cabeça. – Ficaria muito furiosa. Manipulou-me quando acreditava que estava segura em meio de um sonho.

Com um pequeno sorriso compungido, respondeu, – Minha única intenção foi te trazer para o Qihar-Jadiid para te falar.

– Então, por que me seduziu?. Seus olhos da cor do musgo pareciam preocupados.

– Parecia sozinha. Seu sorriso se ampliou. – E estava nua. Não pude prever isso, que você nos queria sem roupa.

Ela ruborizou mais. – Não tenho o poder de determinar o resultado de nossos sonhos compartilhados. Você criou a fantasia.

– Engana-se. E isto não é realmente um sonho. Ele dobrou os quadris e se retirou parcialmente, antes de deslizar-se novamente dentro dele.

Ela o agarrou fortemente das costas e seus músculos internos cobriram o pênis – Enquanto estamos aqui, nossos corpos estão acima na nave, não? Perguntou entrecortadamente.

Ele se perguntou como mantinha o fio da conversa. Seu canal quente se apertou, acariciou-lhe a carne rígida e roubou os pensamentos. Só pôde assentir com a cabeça e fazer um movimento circular com os quadris.

– Então, é um sonho, não é real. Ela soou aliviada e seus quadris responderam com uma investida delicada.

A frustração por seu teimoso recuo do que compartilhavam fez que ele não pensasse em nada. – É mais que um sonho, respondeu – Alguma vez teve um sonho tão gráfico?. Imobilizou-lhe os quadris e a olhou fixamente nos olhos. – O que experimentamos aqui juntos recordaremos os dois, portanto, é real. Se só estivéssemos participando de uma visão, não teria outra opção.

Seus olhos se abriram diante a surpresa. – Pôde fazer isso?

– Sim! Mas prefiro unir nossas visões para formar momentos que ambos queiramos que aconteçam.

– Então, estamos nus? Suas bochechas se tingiram de vermelho. – É o que minha mente deseja?

Ele assentiu com a cabeça, satisfeito porque finalmente compreendeu.

Ela mordeu o lábio inferior da boca carnuda por um momento e estreitou o olhar – Mas não foi necessário me incentivar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Uma vez que se deu conta de que eu acreditava que era parte de um sonho, não foi necessário que me seduzisse. Não foi muito cavalheiro quando se aproveitou do fato de que...

– De que estava sozinha? De que seu corpo ansiava amor? Empurrou os quadris para enfatizar o que tentava dizer. – Não pude resistir me transformar em sua fantasia. Que homem poderia?

Ela colocou as mãos sobre seus ombros e se levantou, então, enterrou seu corpo no pênis. Fechou os olhos por um momento e jogou a cabeça para trás. – Não me adule. Não acreditarei, porque sei o que sou.

As mãos dele a ajudaram com os movimentos e rapidamente conseguiram levar um ritmo. – Me diga. Seus lábios roçaram a mandíbula. – O que é?

– Só uma mulher comum. Ela ofegou enquanto mordia o lóbulo da orelha. Arqueou as costas e pressionou os seios em ponta contra seu peito. – Baixo outras circunstâncias, não me olharia pela segunda vez.

Ele lambeu o lóbulo tenro que seus dentes tinham machucado. – É verdade. Ultimamente não tive tempo de procurar prazer. Só conheci os favores comprados de pessoas pagas encarregadas de dar prazer. – Mas você é formosa. Investiu mais forte, empurrou os quadris para baixo para aumentar a fricção entre suas carnes enfrentadas. – Acreditaria se te dissesse que sua inexperiência é encantadora?.

Ela começou a respirar com dificuldade – Entretanto, me deveria… Haver dito… Antes de me buscar a primeira vez.

– Teria-me regeitado? ele perguntou, com a voz endurecida de paixão.

– Provavelmente não… Teria… Acreditado. Ela gemeu com um som suave e doce que o distraiu. Seu corpo já estava acelerando.

Apesar de que a conversa o estava matando, continuou fazendo-se entender, enquanto seu pênis os distraía os dois. – Quando te levei a minha antecâmara, com a intenção de falar com você, pude ver a sede em seu olhar.

– Então… Decidiu usar minha necessidade… Para me suavizar… E obter a contra-senha? O primeiro calafrio de seu orgasmo sacudiu os dois.

Khalim se moveu mais devagar e investiu com mais força, dobrando os quadris para deslizar o pêins pelo ponto rico em nervos dentro de sua vagina. Nunca lhe daria a satisfação máxima. – Não, disse, inclusive se sentisse que seu corpo convulsionava. – Não estava pensando. Golpeou os quadris contra as dela. – Quando suas mãos… Se dirigiram direto a meu pênis… E se ajoelhou no piso para tomar com sua doce boca… Os pensamento de negociação se desvaneceram.

Ela gemeu. – Não me recorde isso… Isto é… Suficientemente vergonhoso.

– Não deveria sê-lo… Quando os dois estamos contentes com… Os lugares aonde nossa imaginação nos leva. Ele gritou e seu corpo explodiu, o pênis esmurrou a doce concha e sua ejaculação lhe banhou o útero.

Levou ar aos pulmões sedentos e deixou sair uma risada curta. Nunca tinha tido uma conversa tão tortuosa!

Uma vez mais, Andrômeda se aninhou em seu abraço. – Se render a você, sussurrou, – Agarrarão-me. Perderei tudo pelo qual trabalhei, minha nave, minha reputação. E por que?

– Por nós?

Ela meneou a cabeça contra seu ombro em sinal de recuo. – Não sou tão tola para acreditar que temos algo além deste sonho.

Passou os dedos pelo cabelo molhado e levou a cabeça para trás para observar as emoções que seu rosto mostrava. A tristeza tremeu nos cantos de sua boca; a fadiga espreitou o olhar de olhos bem abertos. – Aonde acha que iremos depois disto?

– Você, a prisão, eu, a meu seguinte trabalho. Sua expressão se voltou fechada. – Devemos voltar.

Andrômeda tinha muito que aprender. Sua presa ferida resistiria sua ternura em cada passo que dessem. Baixou a cabeça para ela, que não resistiu ao beijo puro nos lábios. Então, com um movimento da cabeça, estavam outra vez dentro do compartimento embaçado da ducha.

–

CAPÍTULO 3

Andrômeda se encontrou apanhada contra a parede metálica, enquanto Khalim lhe cobria as costas. O peso de seu pênis descansava entre as pernas dela e abria o talho inchado. Com a lembrança dos orgasmos recentes em sua mente e seu corpo, ela devia lutar para não inclinar os quadris. Oh, quanto queria que ele se deslizasse dentro…

Ser levada por um "sonho" úmido e a realidade era muito condenadamente confuso. Respirou fundo e se afastou da parede de um empurrão.

Khalim lhe beijou um ombro, mas se retirou.

Com o corpo dele convocando tudo seus hormônios sensualmente carenciadas, ela sabia que necessitava espaço. Além de tempo para ordenar seus pensamentos confusos, sem a distração de seu corpo excitado.

O homem necessitava roupa.

Ela apertou o botão para deter a água e a porta do compartimento se abriu. – Eu gostaria que ambos nos vestíssemos. Preciso controlar meu sistema de navegação para ver onde estamos e, depois, farei algo para comer.

Não esperou sua resposta e se retirou. O aspirador silencioso na porta do compartimento tirou o excesso de água de seu corpo. dirigiu-se a seu camarote, abriu o gabinete sobre a cama e tirou um traje de resgate.

– Não necessitamos roupa. A respiração de Khalim estimulou os belos do ombro.

Ela não se deu conta de que estava tão perto e se estremeceu. – –Tenho frio, mentiu.

– Então diremos à equipe de manutenção de vida que suba a temperatura. Não haverá mentiras entre nós.

Apertou as mãos no tecido negro do traje de resgate. – Como pode ser que a roupa forme parte de uma mentira?.

Agarrou-a pela cintura e a virou. Ela deixou cair o traje sobre o beliche. Seus seios roçaram o peito dele e se endureceram instantaneamente.

Seu olhar desceu ao ponto onde a carne dos dois se encontrou por um momento e olhou novamente para cima. – Seu corpo não mente a respeito do que te agrada.

Ela levantou o queixo. – E como sabe que não é simplesmente o frio?

Acariciou-a entre as pernas, levantou os dedos e os passou pelos lábios. Sem dizer uma palavra, demonstrou sua teoria.

Ela inalou a fragrância de sua excitação.

Realmente desejava poder agarrar suas armas no gabinete atrás de seus pés. Um golpe do electroatodador apagaria o sorrisinho dos lábios!

– Além disso, disse com um sussurro que só acentuou sua consciência do beliche debaixo de seus joelhos – não terá nada o suficientemente grande para que eu use.

– Tenho roupa para você. Desesperada para colocar barreiras entre eles, continuou, – Há um traje que meu último… Companheiro deixou a bordo da nave.

– Companheiro? Adquiriu uma expressão alerta. – Compartilhava esta cama com você?.

− Não, é muito pequena. Muito tarde observou que estreitava os olhos. Ele tinha notado a escolha de suas palavras.

− Então, compartilhavam a cama no final do corredor?

Ela ignorou a pergunta. − esteve espiando minha nave?

− É obvio. Também encontrei as armas na gaveta atrás de você.

Ela se sacudiu.

− Já não estão ai.

Não há roupa. Não há armas. Como diabos ela ia sair deste apuro? − Preciso ir à ponte. Ela deu um empurrão no peito e passou por um lado.

− O que aconteceu a seu companheiro?

− Não é teu assunto. De não ter estado absolutamente consciente de sua nudez, teria saído pisando em forte para a ponte. Por agora, não faria nada que incitasse sua irritação ou luxúria. Se ele esperava que ela fosse uma conquista fácil como o tinha sido em seus sonhos, teria uma desilusão.

Ele se manteve um passo atrás dela. − Sim é. Se ele esperar que te comunique com ele...

− Não o fará.

Khalim fechou uma mão sobre seu ombro e a parou.

Ela se soltou e ele a deixou ir. − Não se comunicará comigo.

− Me diga por que. Sua expressão era implacável, mas os olhos entrecerrados insinuavam uma emoção mais profunda.

Ela suspirou, escondeu sua dor e falou, − Terminamos nossa sociedade faz seis meses.

− Foi por acordo mútuo?

As bochechas lhe ardiam. −Não.

− Não tem um motivo para retornar?

− Levou nossa lista de clientes completa. Não há nada de valor aqui.

Khalim permaneceu quieto, seu olhar penetrante sustentou o dela por um momento comprido e depois assentiu com a cabeça.

− Era um tolo.

Encolheu os ombros despreocupadamente e ela deu a volta, decidida a terminar a conversa.

Outra vez sua mão a parou, desta vez, com os dedos em seu ventre e desatou a ira com seu corpo. − Se não se importa, por que dorme neste beliche estreito em vez de dormir na cama do outro lado do corredor?.

Lhe fez um nó na garganta. − Não me importa. Mas odeio pensar em quão tola fui acreditar que me queria.

− Eu não te abandonaria jamais, disse suavemente. Levantou uma mão e lhe agarrou um seio. − E não usaria seu amor para te tirar nada. Respeitaria-te.

Ela levantou uma mão e tirou os dedos do seio. − Bom, nunca saberei, não? Porque não te amarei. Ela esquivou seu abraço. − Eu não te deixarei que me roube a nave.

Ele apoiou os punhos em ambos os lados de seu corpo e fez que ela levasse o olhar para baixo.

− Trarei roupa logo que controle as coordenadas. Ela ignorou o olhar de orgulho masculino com os lábios curvados e se foi rapidamente da sala.

Infelizmente, não pôde fugir muito para desafogar sua ira. A ponte se encontrava no final do corredor.

Desceu os degraus metálicos para a cabine do capitão e se sentou na cadeira, enquanto estendia o braço direito da cadeira para ver os controles.

Khalim se acomodou no assento continuo a ela.

Pressionou um botão e a grande tela bioluminiscente frente a eles se acendeu. Uma recriação viva das estrelas no caminho brilhou contra a tela azul e negra. − Adicionar vetor, disse Andrômeda. Instantaneamente, uma linha vermelha resplandecente se estirou frente a eles e desapareceu na nuvem brumosa e espiralada da distante galáxia Via Láctea. − Computa o tempo de atracar, disse.

[04 dias; 03 horas; 24 minutos] apareceu em um lado da tela.

Andrômeda respirou fortemente. Tinha dormido mais do que pensava. Seu olhar se inclinou para Khalim.

Ele a olhou fixamente, com uma expressão impassível. A só dias da prisão, talvez da vida, e não traía uma só emoção.

Exceto por que tinha o pênis rígido ainda e se elevava entre suas pernas.

Andrômeda se lambeu. Se Khalim tinha sido persistente antes, em seus sonhos, seria implacável agora. Talvez tinha um dia para lhe tirar a contra-senha e escapar.

Senhor, como resistiria, quando seu corpo já estava suavizado e cheio de sua própria excitação?

− Deveria procurar algo para comer… Sua voz foi desvanecendo.

O movimento de suas fossas nasais que captavam o aroma da excitação dela a fazia retorcer-se no assento. Ele adquiriu o olhar de um predador que deslizou dos olhos aos seios e continuou pelos quadris, que ela mantinha um tanto pressionados.

Khalim correu a cadeira da tela, sem afastar os olhos dela e separou as pernas. Desta forma realizou um convite grosseiro, mas Andrômeda não teve problemas em compreender. Pertencia a ela e ela podia fazer com ele o que desejasse.

Um líquido jorrou da vagina e umedeceu o assento. Os mamilos franziram, e se transformaram em pontos fortemente inchados. Ela começou a deslizar as mãos para cima para cobri-los, mas ele já sabia quão forte era seu desejo, por isso as deixou cair sobre seu colo.

Girou a cadeira e se levantou. Então, deu um passo para ele, e outro, até que parou em meio de seus joelhos separados, enquanto a incerteza e um toque de temor a ataram. Ele estava tão erguido, perguntou se respirava, enquanto que seu peito se inflava e desinflava cada vez mais rápido. Tinha a coragem de tomar o que queria? Não, necessitava.

Seu corpo respondeu e uma calidez florescente se filtrou pelas pernas. Com as mãos nos joelhos, ajoelhou-se frente a ele e se inclinou para roçar uma face contra sua ereção. Seu pênis estava quente e suave como o veludo contra sua perna. Ela inalou profundamente, saboreou o aroma a almíscar de sua excitação, tão familiar e tão novo de uma vez, enquanto seu corpo se estremecia de excitação.

Então, acariciou-o mais acima, deslizou o queixo e a bochecha para o erguido e torcido pênis, sem afastar o olhar dele. As mãos dele se agarraram aos apoio de braços. Deixou cair a cabeça contra o apoio de cabeça e estirou o peito, mas, entretanto, não se moveu para tomá-la.

Andrômeda abriu bem a boca, fechou os lábios ao redor da coroa do pênis e o mamou.

− Há’abib!. Levantou os quadris e sua protuberância se deslizou para dentro da boca dela, enquanto acariciava a língua e golpeava contra o fundo da garganta.

Satisfeita por ter subjugado a sua sedução, Andrômeda deslizou as mãos pelas coxas até que chegou aos belos sacos uma mão procurou o saco debaixo e o sustentou, enquanto desfrutava de do estremecimento de prazer. A outra mão rodeou a base do pênis, separando-a do ventre para ter um maior controle da penetração. Levantou a boca e percorreu toda sua longitude com os lábios abertos para lubrificar a haste. Seguiu o movimento com a mão, que deslizou umedecida para cima e abaixo do pênis antes de voltar a morder delicadamente com os lábios a cabeça empolada.

Ele enredou os dedos no cabelo dela e a empurrou para baixo por sua longitude.

Ela abriu bem a mandíbula, aceitou a guia e o deixou afundar-se profundamente em sua garganta, uma e outra vez, até que necessitou ar e levantou a cabeça.

Ele ainda tinha o olhar sobre ela. A transpiração brilhava na testa e o peito palpitante. − Venha para mim.

Decidida a provar seu poder, Andrômeda sustentou o olhar e abriu uma vez mais a boca para levá-lo ao profundo dessa caverna cálida e úmida. Ela gemeu e o som vibrou em todo seu pênis.

Ele apertou as mãos no cabelo dela e a levou para baixo.

Ela esticou os lábios ao redor dele e o chupou, com movimentos ascendentes e descendentes, junto com suas mãos imitava os movimentos para aumentar a fricção e apertar suavemente a ereção.

As coxas de Khalim estremeceram, seu estômago ficou rígido e o peito se ampliou tomando ar pela boca aberta. − Suficiente! disse, com voz áspera e esgotada.

Nem sequer perto! Andrômeda parou e levantou os apoio de braços. Com as mãos no quadril para ajudá-la, ela subiu em seu colo e deslizou os joelhos pelos quadris dele, até que colocou a concha sobre o pênis tenso. As coxas internas tremeram e já não se importou quem guiava e quem seguia. Ela precisava o ter dentro dela.

Ele se inclinou para ela e capturou um seio com a boca, devorou-lhe o mamilo inchado e o lambeu com a ponta da língua antes de voltar a pinçá-la, empurrá-la e devorá-la desesperadamente…

Ela arqueou as costas. Nunca tinha sabido o dolorosamente sensíveis que podiam ser seus mamilos.

Andrômeda não pôde conter um momento mais e apoiou as mãos contra os ombros amplos dele e baixou lentamente o corpo. Os lábios úmidos e inchados pressionaram contra a cabeça de seu pênis, até que se deslizou para dentro dela. Ela se afundou, com as coxas tremulas, sem poder controlar a profundidade de sua ereção penetrante. Emitiu um gemido e conteve a respiração.

As mãos dele deslizaram para baixo para lhe agarrar as nádegas, agarrou uma bochecha com cada mão e a levantou.

Então ela se moveu para baixo e tomou mais profundamente desta vez.

Sua boca trocou de seios e os dentes morderam o mamilo, o qual a fez gritar. As mãos dela se moveram dos ombros à cabeça, agarraram-no

com força e, por meio de suas ações, rogou-lhe que continuasse com sua tortura terna.

Ele disse um murmúrio do profundo de sua garganta, e as mãos apertaram o traseiro com mais força, levantaram-na, empurraram-na para baixo, cada vez mais, até que ficou sentada com os quadris sufocados com as dele e o pênis mais profundo que qualquer outro homem tinha chegado.

Uma percorrida de desejo sensual a feriu, a aninhou, retorceu-a dentro dele. Ela necessitava mais. Queria seus golpes poderosos.

Tirou a cabeça dos seios e ela se agachou para beijar os lábios... Envolveu-o com os braços ao redor dos ombros. Seus quadris fizeram um movimento sobressaltado e espasmódico. Ela estava além da elegância, mais à frente do pensamento. Ele a estremeceu com o pênis, derreteu seu centro até que esteve pronta para explodir como se tivesse lava fervendo. Ela ofegou e levou a cabeça para trás. − Por favor, Khalim, por favooooor!

De um só movimento em aumento, Khalim levantou da cadeira e a empurrou ao piso sobre seu ventre. Andrômeda só teve um momento para pensar no objetivo, antes que levantasse os quadris e se mergulhar em sua concha.

− Sim! gritou ela, enquanto se sustentava com as mãos e se movia para trás para encontrar-se com sua investida.

Ele afundou os dedos na carne das nádegas com um agarre forte e arremeteu com golpes rápidos e profundos.

As coxas e os braços de Andrômeda ameaçaram dobrar-se debaixo de seu ataque sensual. Entretanto, ele movia os quadris mais e mais rápido… E mais profundo… E mais forte….

Os quadris golpearam a concha, a pele escorregadia pelo suor de seu ventre aplaudia o traseiro, com um ruído forte como seus gemidos e grunhidos. A vagina se adaptou à circunferência e longitude de seu pênis e seus movimentos se acalmaram com os banhos consecutivos do líquido corporal pela excitação.

De repente, o orgasmo dela explodiu ao redor dele como uma supernova brilhante e ardente, enquanto gritava. Logo seguiu o grito rouco de Khalim e ambos se derreteram contra o chão.

CAPÍTULO 4

Khalim observou Andrômeda sair disparada para a pequena galeria e balbuciar em voz baixa golpeando as portas dos armários. Suas ações, unidas à postura rígida de seus ombros e sua expressão fechada, insinuavam explicitamente desagrado.

Ele, muito relaxado, apoiou o quadril contra uma bancada e esperou que se desencadeasse a tempestade. Como uma forte tormenta de areia, seu cenho atormentado ameaçava com ventos fortes. Ele supôs que sua consciência a incomodava.

Sim, as defesas de Andrômeda estavam desmoronando. Cada vez que seu olhar se dirigia para seu lado, abstinha-se diligentemente de olhar para baixo. Ele não a culpava. Sua excitação descarada, um estado surpreendentemente constante, tinha que estar perturbando-a. Infelizmente para seu estado de paz mental, mas extremamente gratificante para ele, seu corpo reconhecia o ciclo perpétuo e sensual em que estavam envoltos.

Só olhava sua ereção e os seios se avermelhavam de calor e se transformavam em pontos avermelhados deliciosos. Ver seus pequenos seios turgentes de desejo enchia as vísceras e fazia que seu pênis e suas bolas se tornassem pesadas e duras. Mas, enquanto se deleitava com seu dilema mútuo, ela resistiu.

Oh, ela tinha caido no feitiço de sua excitação enquanto estavam um ao lado do outro na cabine do capitão, antes de render-se, para deleite dele. Mas ela estava muito longe de ter a vitória.

Enquanto isso, seu corpo necessitava sustento para seguir com a longa e difícil batalha para seu coração.

− Posso te ajudar a escolher? perguntou ele, antecipando-se à reação dela a seu tom.

Ela endireitou as costas. − Não.

Afastou-se da bancada e se aproximou dela, negociando com calma. − O peru desidratado é tão… Seco, não?.

Ela se sobressaltou e deu a volta para olhá-lo. − eu adoro disse, com o queixo erguido, desafiando-o a queixar-se.

Ele se aproximou dela, o suficientemente perto para que os pelos de seus braços roçassem um ombro, então, agarrou outro pacote do armário aberto.

Um calafrio sacudiu o corpo rígido e tremeu o lábio inferior.

− Mmmm. Morangos reconstituídos, são comestíveis. Os deixou sobre a bancada ao lado de sua escolha. Armou-se de coragem para resistir a necessidade de agachar e beijar a boca doce e murmurou, − Podemos adicionar batatas?

Ela passou a seu lado, roçou-lhe o pênis com o estômago e ambos contiveram a respiração. − Se você gostar! As palavras soaram como que enforcavam a garganta.

Ele escondeu um sorriso e respondeu, − Prefere a cozinha da Terra?

− É obvio. Ali é onde me criei. Ela colocou as vasilhas fechadas no distribuidor sobre o forno e fechou a porta. Um momento depois, abriu o forno e a comida já estava preparada. A carne e os vegetais emanavam um vapor aromático.

Fez-lhe ruído o estômago e sorriu com arrependimento pela expressão sobressaltada dela. Um pequeno sorriso apareceu pelos lados de seus lábios e rapidamente se voltou para procurar os utensílios. Khalim tirou as bandejas, colocou-as sobre a mesa extensível no final da bancada. Depois de que lhe desse um garfo e uma faca, ele serviu o vinho que tinha tirado da despensa e se sentaram sobre bancos opostos. Ele levantou a taça. − Meu agradecimento por sua hospitalidade.

Andrômeda tossiu e baixou a taça. Baixou o olhar para a mesa de metal. Seu colo e seu pênis, estavam totalmente fora de alcance. O alívio que mostrou no suspiro profundo e os ombros relaxados o fizeram sentir extremamente petulante. Deixá-la-ia desfrutar de uma pausa de sua busca por um momento. Talvez.

Ela levou um garfo de frango seco à boca e continuou mastigando.

− Onde está a pimenta? Perguntou com inocência e levantou rapidamente do assento.

Ela tossiu e tomou a taça. Quando retornou com o pimenteiro, o olhar deve ter chamuscado a pele, mas apenas deu um sorriso insosso e condimentou as batatas.

Ele engoliu um pouco de peru e sorriu. – Isto tem menos sabor que um sapato. Para mim, não há nada mais suculento que as aves de deserto em um colchão de grama doce.

Andrômeda encolheu os ombros, – Cada um com seus gostos. Comeu outro pedaço e o acompanhou com mais vinho.

Soube que era melhor não mencionar o fato de que ela precisava acompanhar cada pedaço de carne descolorida. Além disso, provavelmente o vinho o favorecia. Baixou o garfo e agarrou um morango. Levou-o a boca e fechou os olhos, enquanto saboreava a doçura. Quando abriu os olhos, encontrou a Andrômeda olhando-o fixamente.

Ela desviou o olhar, mas a cor que ficou o em peito traiu a direção de seus pensamentos.

Seu pênis pulsou. Tomou a garrafa de vinho e serviu mais da bebida frutífera na taça.

– Obrigada murmurou ela, sem tirar o olhar do prato. Esclareceu-se garganta. – Estive-me perguntando…

– Sim, Há'abib?.

Ela o olhou. – Disse isso antes, quando…

– Quando fizemos amor? Com quanta facilidade se ruborizava! Ele sorriu. – Quer saber o que significa?

– Não se incomode, disse rapidamente.

–"Não, está bem. É um termo antigo — uma expressão de carinho. Traduzido grosseiramente, significa "meu amor".

– Oh. Se acomodou sobre o banco e apertou os dedos ao redor do garfo.

– Agora, o que me ia perguntar antes?

– Antes? Oh, sim. Ela piscou e respirou fundo. – Por que não tentou me convencer de sua inocência?.

Endireitou-se, consciente de que o que diria determinaria seu destino e respondeu, – Teria acreditado?.

Seu olhar preocupado se cruzou com a dele. – Tenta agora.

Respirou fundo e começou. – Enviaram-me a acompanhar ao embaixador Qiharan como assessor, mas em realidade era seu guarda-costas. Minha gente não quer o Domínio, nem confia neles. Antes que nossas reservas de petróleo fossem descobertas, estávamos sob a atenção deles.

– Disseram-me que atacou o emissário, que procurava desbaratar as negociações de comércio.

Khalim apertou os lábios um pouco para sossegar a maldição que desejava pronunciar. – O embaixador era meu tio. O governador mencionou isso?.

Ela franziu o cenho. – Não. Parecia estranho que estabelecessem negociações com um planeta tão remoto. Mas posso imaginar o que realmente aconteceu.

Khalim assentiu com a cabeça. – Assassinaram-no. Estava muito bem planejado. Sentamo-nos para jantar nossa primeira noite ali e um convidado de uma das mesas de mais abaixo abriu fogo. De todo o séquito de meu tio, só eu fiquei com vida.

– Precisavam culpar a alguém, sussurrou.

– Rotularam-me como militante que se opunha ao fortalecimento de nossos laços com o Domínio. Agora, fizeram-no realidade. A tensão da frustração fez que endireitasse o pescoço e os ombros.

– Não foi o responsável, Khalim. Como pode saber...?

Ele a olhou irritado. Como podia compreender o que sentia? Era responsável pela segurança de seu tio. Em troca, tinha-o visto morrer.

– E deixa de me olhar. Eu tampouco tenho culpa.

Deu-se conta de que seu olhar a incomodava. – O engano do conselho governante ainda me enche de ira

– Obrigado por me dizer isso de qualquer jeito. Explica muitas coisas. Perguntava-me por que o governador queria te eliminar com tanta pressa. Andrômeda inclinou a cabeça a um lado. – Sabem de seu dom especial?

– Era um segredo, como prevenção, em caso de que fosse necessário.

– Usou-o para advertir sua gente em Qihar? Pode alcançar essa distancia com a mente?.

– Falei com meu pai antes que me trouxessem para sua nave. Ele compartilha meu dom. Khalim tomou a mão sobre a mesa. – Pensava em que, talvez, peço muito de você. Esta não é sua luta. Provavelmente haja uma guerra.

– Seu mundo parece tão primitivo, ao menos as partes que vi, nos sonhos. Podem ganhar?

– Não temos a tecnologia que possuem nossos inimigos, mas temos armas além de sua imaginação. Não esperamos ganhar batalhas, mas o Domínio não quererá fazer uma grande campanha. Esperamos acabar com sua determinação. Ele a agarrou pelo pescoço. – Será melhor que me entregue às autoridades.

Ela apoiou a face contra sua mão. – Devo estar louca, mas não tenho medo. Seus olhos encheram de lágrimas – Não poderia te ver preso.

– Por que? O que te fez trocar de opinião sobre mim?

Ela se endireitou e o olhou fixamente. – Seduziu-me desde que começamos esta viagem, tentou ganhar minha cooperação. Entretanto, quando resisti, não tentou me obrigar a te dar minha contra-senha. E poderia ter feito isso...É mais forte que eu.

– Disse isso, nunca te faria mal.

– E eu acredito, disse com calma. – Foi terno e amável, inclusive quando te fiz zangar. É um homem de honra.

Ele levantou uma sobrancelha.

Um leve sorriso curvou os lábios. – Apesar de sua aparência, acredito que é verdade. Tem um senso de humor retorcido, e este foi o cortejo mais estranho, mas sei que posso confiar em sua palavra.

– Você acha que isto é um cortejo? Ele esperou, desejoso de que tivesse a coragem de acreditar que era honesto em seu trato com ela.

Ela respirou profundo e disse rapidamente, – Sim. Tão inexperiente como sou, sei que um homem não poderia ser tão duro todo o tempo sem sentir uma forte atração.

Algo dentro dele se suavizou e relaxou. – E sabe qual é o propósito deste cortejo?

– Refere a além de tomar minha nave?

Estreitou os olhos e advertiu que não tocasse nesses temas novamente.

– Quer que o acompanhe a Qihar-Jadiid? A expressão dela era esperançosa e lhe perfurava o coração.

– Quero que fique ali comigo

Um sorriso iluminou o rosto durante um instante e, depois, desviou o olhar. – Mas, o que acontecerá a minha nave?

– Se me libertar, o Domínio te considerará uma pirata e se transformará em tema de leis intergalácticas de pirataria. Poderiam te executar se a encontram.

– Devo destruí-la? perguntou com a voz tensa.

– Não, Apertou-lhe a mão. – Algum dia, necessitaremos dela. Acha que pode tolerar ficar confinada a um planeta por um tempo?.

– Eu adoro voar e foi tudo em minha vida desde que sou adulta, mas pensar em perder minha nave não me machuca. Sei que não poderei suportar viver sem você.

Seu peito e suas vísceras se encheram de satisfação. Tinha acontecido como seu tio tinha previsto meses antes de sua morte. Ele tinha encontrado sua companheira e, logo, o falcão se amarraria a seu amo. Segurou-lhe a mão. – Vêem aqui.

– Espera!. Seus olhos se entrecerraram. – Quantas mulheres pode ter um homem em sua sociedade?

Ele apoiou os lábios sobre o sorriso que ameaçava quebrar-se. Agora que estava segura de seu papel com ele, sua pequena presa não temia mostrar suas próprias garras. – Tantas como sua primeira esposa o permita.

– E já tem esposas?

Ele fingiu despreocupação e encolheu os ombros. – Fui um guerreiro durante a maior parte de minha vida adulta. Não tive tempo de procurar uma companheira adequada.

Ela franziu o cenho com um olhar intenso. – Então, só te sou conveniente?

– Há'abib, você foi extremamente inconveniente. A fez ficar de pé e a levou ao redor da mesa. Quando parou em frente a ele, apoiou-lhe as mãos nos quadris.

Ela se endureceu e resistiu o puxão. – Serei sua esposa ou uma comodidade?

Sentiu-se molesta durante um momento, até que notou os nódulos das mãos brancos. A resposta não foi evidente para ela, que ainda duvidava de seu próprio atrativo. – Minha esposa, é obvio.

Ela assentiu uma vez com a cabeça. – E se te digo que não haverão mais esposas em sua vida?

– Então esperarei que me brinde tudo o que um guerreiro Tirrekh necessita de suas esposas. Ele reprimiu um sorriso enquanto a luz da batalha aparecia nos olhos dela.

– Talvez uma mulher da Terra seja equivalente a várias de suas esposas.

Sentiu a necessidade de abraçá-la, parou, caminhou ao redor da mesa e a aproximou da borda. – Talvez deveríamos provar sua teoria. Se inclinou e capturou sua boca com um beijo forte e ardente.

Andrômeda suspirou contra seus lábios enquanto que suas bocas se suavizaram e se deslizaram juntas. Ele rodeou as bordas afiadas de seus dentes e acariciou sua língua com a dele.

O corpo dela se rendeu docemente e separou os quadris para abraçar seu sexo. Rodeou seus quadris, roçou o talho e umedeceu a ponta de seu pênis com a umidade dela.

Ela se afastou e o pegou seu rosto com as mãos suaves. − Esta… Atração arde. Não poderia me sentir desta forma se não te amasse.

Ele apoiou a testa contra a dela. − Como te amo.

Seus olhos brilharam e ela parou sobre os dedos dos pés para pressionar seus lábios com os dele, outra vez.

Enquanto suas línguas se emparelhavam, trocaram promessas. Ele moveu o corpo e os quadris dela se curvaram para aceitar seu pênis. Ele grunhiu do profundo da garganta e a levantou do chão. Envolveu-lhe os quadris com as pernas e ele se inundou em sua úmida calidez.

Apertaram-se, fundiram suas bocas e quadris, desesperando-se por aprofundar sua conexão física e emocional. Khalim girou as cedras e as apoiou contra sua concha empapada.

Primeiro não reconheceu o ruído, estava tão perdido no maravilhoso do corpo desta mulher.

Andrômeda se apertou contra seus ombros. − Khalim, é um sinal de saudação!

O alarme de sua voz perfurou sua mente drogada por sexo as pernas dela já estavam deslizando para baixo por sua cintura, assim que a ajudou novamente a manter o equilíbrio, lamentando a perda de conexão.

− O que faremos? Perguntou, enquanto se dirigia ao corredor. − Têm-nos descoberto os sentinelas. Devemos estar muito perto do perímetro. Como escaparemos agora?

Ele a seguiu de perto para a ponte. − Deve distraí-los.

− Como? Dirigiu-se à escada, mas em vez de baixar os degraus de metal, evitou-a e se deslizou para o piso inferior.

Ele imitou o movimento e a seguiu. − Esperam que responda?

− Se não o fizer, pensarão que ainda estou em suspensão. Deslizou na cadeira e abriu o painel de controle. A tela de abriu, uma extensão azul de meia-noite cheia de luzes brilhantes de um bilhão de estrelas distantes. − Mostrar toda a nave.

Enquanto Khalim se sentou a seu lado, dois parênteses rodearam um ponto negro na tela e depois iluminou o casco de um pequeno cruzeiro.

− Só há uma nave, disse.

− Dirá que está experimentando algum problema com sua nave. Algo os convencerá de que há um motivo para que sua nave pare. Enquanto esperam sua nave, levá-los-ei a outra realidade e então escapamos.

Andrômeda o olhou. − Quando abrir as linhas de comunicação, não devem te ver.

Com atraso, o olhar de Khalim se dirigiu a seu seio nu e franziu o cenho. − Precisa de roupa.

Andrômeda riu e lhe marcou uma covinha na bochecha direita. −Disse que os distraísse.

Com os lábios inchados pelos beijos e os mamilos erguidos, certamente o faria. Feriu-o mas tinha razão. Ele olhou o espaço entre o console e a tela. Deve haver espaço suficiente para… Antes que pudesse protestar, ele estava sobre o piso debaixo do console e separando suas coxas com as mãos.

− O que está fazendo?

Sem preâmbulos, seus dedos longos deslizaram para dentro de sua vagina.

Os dedos dos pés de Andrômeda ficaram de ponta contra o piso, levantou os calcanhares e lhe deu maior acesso para sua concha. − Pare disse e depois gemeu. − Devo responder a chamada.

− Faça-o! disse, aproximou-se mais e a beijou entre as coxas.

− Está louco!. Pressionou a cabeça contra o apoio de cabeça e agarrou fortemente aos apoio de braços com as mãos, como se temesse sair disparada da cadeira. − Não poderei dizer uma frase inteligível.

Com os dedos, separou-lhe as pequenas dobras rosadas que asseguravam a entrada e cravou a língua dentro.

Seus quadris se levantaram da cadeira e devia as manter em seu lugar para aceitar seu carinho. − Faz a chamada. Rodeou-lhe a abertura com uma lambida de sua língua.

− Bastardo!. Ele escutou um clique e, depois uma voz entrecortada, − Sou o capitão do Osprey. Identifique-se.

Epílogo

− O que devem ter pensado quando gritei no meio da saudação? Perguntou, acariciando o traseiro de maneira ausente − Nunca me cansarei de explorar esses músculos duros e arredondados.

− Andrômeda, importa-se? Sua cabeça apoiou sobre meu ombro e a respiração ainda tinha um tom inquebrável. − Não se darão conta de quanto tempo se manterão nessas coordenadas… Até que os libere do sonho.

A ponta de seu dedo percorreu a linha entre suas nádegas. − Aonde os levou exatamente?

Senti o calafrio até meu útero. − A um lugar do que não quererão ir.

Senti a risada em sua voz e respondi com um sorriso. − Levou-os a um prostíbulo, não? Passei a mão pela curva de seu traseiro e depois, agarrei os dois globos e os apertei.

Seu pênis se alargou dentro mim. − Estão no palácio de quem brinda prazer, corrigiu-me.

− Merecem um palácio?.

− Troquemos o tema, hmmm? Girou os quadris, mas não era necessário para me recordar onde jazia seu poder.

Estava saciada até a borda com seu prazer, tão úmida e dolorida de tanto uso que pulsava. Entretanto, não se pôde queixar. Movi os quadris e obtive um gemido comprido de sua parte.

− Piedade, Há'abib!

Esperava deixá-lo exausto. Enquanto estivesse em meus braços, nunca sentiria a falta de outras mulheres.

Tampouco faltaria alegria. Seu coração era mais fraco que quando nos conhecemos. Sorria com freqüência e eu desfrutava de seu senso de humor, inclusive quando a risada era a minha custa.

Uma vez mais, tinha me levado a Qihar-Jadiid. Com a carne ainda enterrada dentro mim e seu peso sobre mim nos lençóis de seda. Estavam recostados sobre um banco de areia com vista a um lago pouco profundo. Chegamos ao entardecer e olhamos que o céu de cor azul se desvanecia em uma cor malva e as estrelas apareceram como um milhão de velas acomodados para iluminar nosso caminho.

− Se minha nave estivesse o suficientemente seca, poderíamos nos ver no céu?

Khalim grunhiu e levantou a cabeça. − Não dormiremos, não?

− É um sonho, recordei − Não precisa dormir.

Sacudiu a cabeça, levantou se apoiando sobre os braços e separou os corpos. − Tem muito que aprender. Apoiou-se sobre as costas, colocou uma mão atrás da cabeça e bocejou.

Subi acima dele, e me estirei como uma manta.

Ele fechou as mãos sobre meu traseiro.

Coloquei minhas mãos sobre seu peito e o queixo em cima. Eu adorava olhá-lo, seu olhar dourado me excitava até os dedos dos pés. − Este sonho de sexo poderia ser a resposta ao controle da natalidade.

− Você acha? Seu pequeno sorriso era um estudo sobre a arrogância masculina.

Não pude resistir a curva de seus lábios, aproximei-me e apoiei a boca sobre a dele e lambi a ponta da língua.

Seu corpo se endureceu debaixo do mim e, uma vez mais, o pênis pressionou minha concha.

Rompi o beijo e ofeguei. − Dá-me tanto, que mal sentirei saudades voar.

As mãos de Khalim deslizaram por minhas costas e seus dedos me agarraram pelo cabelo para me baixar e me dar outro beijo. −Fecha os olhos, Há'abib. Tenho algo mais que a te mostrar. Levou sua boca à minha e me chupou suavemente.

Minhas pernas se separaram sobre sua cintura e o montei sobre os quadris. Afastei o peito dele e ele colocou suas mãos sobre meus seios. Com movimentos circulares de meus quadris procurei, até que os movimentos colocaram a cabeça do pênis em minha entrada. Flexionei os quadris e o levei dentro de mim. − Eu gosto do que me mostra, falei, com a voz áspera de desejo. Levei a cabeça para trás e fechei os olhos... Enterrei os quadris sobre ele, girei e atarraxei o pênis.

A risada suave de Khalim percorreu meu corpo. − Não referia a isto.

− Não? Provoquei-o com outra investida lenta e espiralada.

Obscureceu-lhe o rosto e apertou a mandíbula enquanto o fazia excitar. − Mostrarei. Dá a volta, amor.

Sem quebrar a conexão, guiou-me com as mãos até ficar em direção oposta. Senti-o mover-se debaixo de mim até que se sentou com o peito contra minhas costas. − Agora fecha os olhos, suspirou em meu ouvido.

De um momento ao outro, deixamos o oásis e nosso leito duro de pedra. Debaixo dos joelhos. Notei o movimento do músculo envolto pela pele grossa abri os olhos e me encontrei voando sobre a superfície sombria de Qihar-Jadiid. Nosso transporte era uma grande besta com amplas asas

que se inclinavam para agarrar o vento. Com os braços de Khalim ancorados sobre minha cintura e o pênis enterrado dentro de mim, levantei o rosto para o céu estrelado e ri.

FIM

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES
PRT
Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/
Comunidade Romances S.A.
http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161